

Comentário Bíblico Exegético de Eclesiastes 1–6 (KJA)

Versículo a Versículo — Uma análise acadêmica e teológica aprofundada do livro mais filosófico da Sabedoria hebraica

[Iniciar Estudo](#)[Sobre o Autor](#)

Introdução ao Livro de Eclesiastes

O livro de Eclesiastes, conhecido em hebraico como *Qohelet* (o Pregador ou Assembleísta), é atribuído pela tradição ao Rei Salomão, o monarca mais sábio de Israel. Escrito provavelmente no período final de sua vida, o texto reflete uma mente madura que experimentou os extremos da existência humana — riqueza, poder, sabedoria e prazer — e chegou a uma conclusão surpreendente: tudo, à parte de Deus, é vaidade.

Autor

Rei Salomão, o *Qoheleth* — o Pregador que convocou a assembleia à reflexão profunda

Contexto Histórico

Período final do reinado de Salomão; meditação existencial sobre a futilidade da vida sem Deus

Objetivo Central

Revelar a vaidade das buscas humanas e apontar o temor do Senhor como único sentido último

Eclesiastes 1:1–2 —

Texto Base (KJA)

"Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades! Tudo é vaidade." (Ec 1:2)

A abertura do livro é uma das declarações mais marcantes de toda a literatura sapiencial do Antigo Testamento. O superlativo hebraico **hevel havalim** — vaidade de vaidades — expressa o grau máximo de efemeridade e ausência de substância duradoura.

Análise Exegética de *Hevel*

O termo hebraico **hevel** (הֶבֶל) significa literalmente "sopro", "vapor" ou "névoa" — algo que existe por um instante e se dissolve. Usado 38 vezes em Eclesiastes, ele carrega uma carga semântica de transitoriedade, ilusão e impotência diante da realidade.

- Não é niilismo, mas uma crítica à confiança excessiva no transitório
- Introduz o tom filosófico e existencial que permeia todo o livro
- Convida o leitor à reflexão sobre os fundamentos da existência

Eclesiastes 1:3–11 — A Ciclicidade da Vida e a Futilidade das Realizações

Nesta perícope, o Pregador utiliza imagens da natureza para ilustrar o eterno retorno da existência: o sol nasce e se põe, os ventos rodam em seus circuitos, os rios correm para o mar sem nunca enchê-lo. A natureza opera em ciclos incessantes e impessoais, indiferente às aspirações humanas.



O Sol (v.5)

Nasce, se põe e corre para o seu lugar — metáfora do esforço humano sem descanso permanente nem recompensa duradoura



O Vento (v.6)

Roda ao sul, ao norte, em circuitos perpétuos — símbolo da agitação sem progresso definitivo e da busca infrutífera

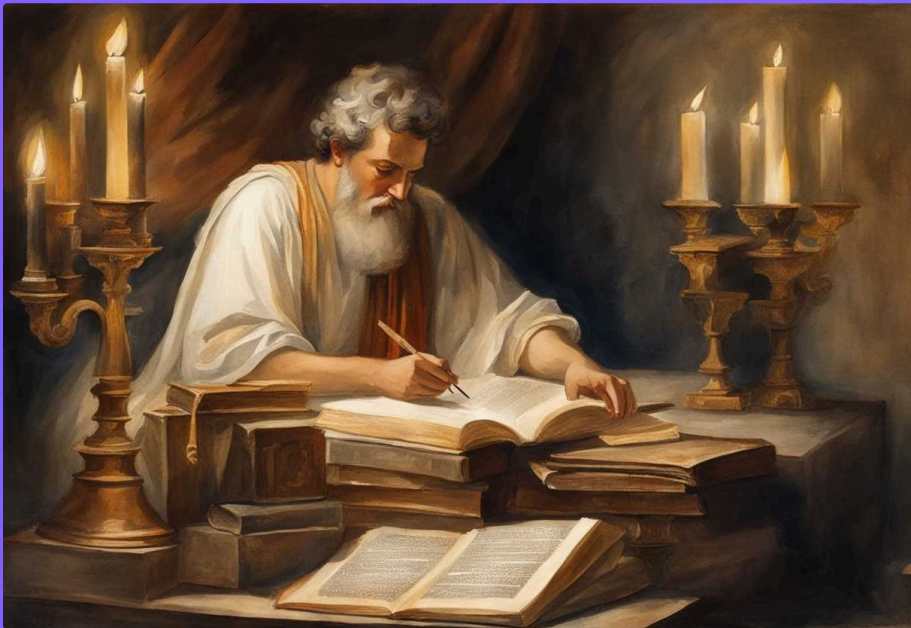


Os Rios (v.7)

Correm ao mar, mas o mar jamais se enche — imagem poderosa da insatisfação perene e da sede humana não saciada

A expressão "**debaixo do sol**" (Ec 1:9) torna-se a expressão-chave do livro, demarcando o horizonte da existência puramente terrena — sem a perspectiva transcendente e sem Deus como âncora. Neste plano, afirma o Pregador, "não há nada novo debaixo do sol."

Eclesiastes 1:12-18 —



Salomão como Modelo do Sábio Investigador

O Pregador declara ter aplicado seu coração a investigar com sabedoria "tudo quanto se faz debaixo do céu" (v.13). Esta é uma das afirmações mais audaciosas da literatura sapiencial: a tentativa de compreender a totalidade da existência por meio do intelecto humano.

A conclusão, porém, é decepcionante: *"Vi todas as obras que se fazem debaixo do sol; e eis que tudo é vaidade e aflição de espírito"* (v.14). A sabedoria, em vez de trazer paz, intensifica a percepção do absurdo.

"Porque na muita sabedoria há muito pesar; e o que acrescenta ciência acrescenta dor." (Ec 1:18)

Este versículo não condena o conhecimento, mas adverte contra a ilusão de que ele seja suficiente para dar sentido à existência sem o fundamento divino.

Eclesiastes 2:1–11 — A Busca pelo Prazer e as Conclusões do Pregador

Com a mesma metodologia empírica aplicada à sabedoria, Salomão passa a investigar o prazer como possível fonte de sentido. Sua investigação é exaustiva: jardins, vinhedos, piscinas, servos, rebanhos, ouro, prata, músicos e concubinas — nada lhe foi negado.

A Experiência dos Prazeres (v.1–3)

O Pregador testa o prazer e a alegria como remédio para a vaidade. Experimenta o vinho com sabedoria, mantendo a razão como guia durante a busca sensorial.

As Grandes Obras (v.4–8)

Construções monumentais, jardins paradisíacos, acumulação de riquezas e tesouros de reis — todas as expressões máximas do poder e da criatividade humana.

A Conclusão Devastadora (v.9–11)

"Então atentei para todas as obras que as minhas mãos tinham feito... e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito" (v.11). O prazer sem Deus não sacia a alma.

Eclesiastes 2:12–17 — Sabedoria versus Insensatez

A Excelência da Sabedoria

Mesmo reconhecendo a vaidade última de tudo, o Pregador afirma com clareza que **a sabedoria supera a insensatez** tanto quanto a luz supera as trevas (v.13). O sábio vê onde vai; o tolo caminha nas sombras.

Esta não é uma contradição, mas uma distinção de qualidade: embora ambos morram, o sábio vive com mais dignidade, propósito e clareza durante sua jornada terrena.

A Grande Equalização: A Morte

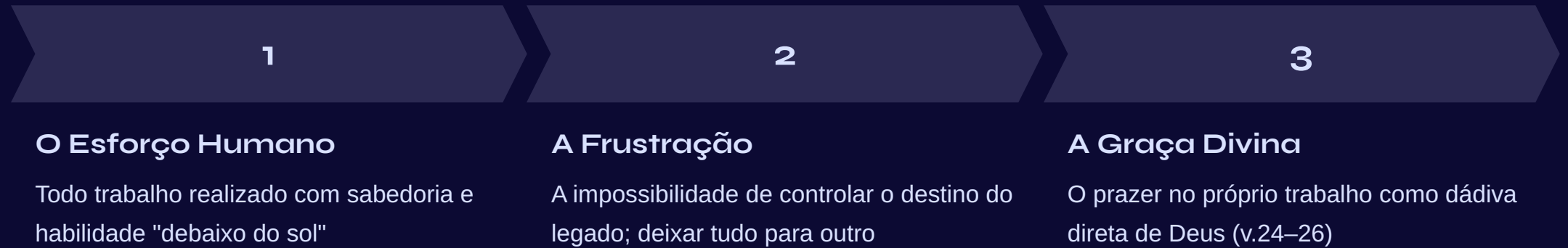
A amargura do argumento reside no fato de que, apesar da superioridade da sabedoria, **ambos — o sábio e o tolo — têm o mesmo destino**: a morte (v.14). Não haverá memória perpétua de nenhum deles.

Esta reflexão leva o Pregador ao desespero existencial: *"Por isso aborreci a vida"* (v.17). É o ponto mais baixo emocionalmente do livro — a crise que prepara o terreno para a reorientação teológica posterior.

- ❏ A morte como **grande igualadora** é um dos temas mais poderosos de Eclesiastes, com profundas implicações éticas e escatológicas.

Eclesiastes 2:18–26 — O Trabalho e a Injustiça da Vida

A meditação sobre o trabalho atinge aqui sua profundidade mais pessoal. O Pregador expressa angústia diante da realidade de que todo o fruto de seu esforço — suas obras, sua sabedoria, suas riquezas — será deixado para um sucessor que pode ser sábio ou tolo. Esta incerteza sobre o destino de sua herança lhe causa "grande dor" (v.21).

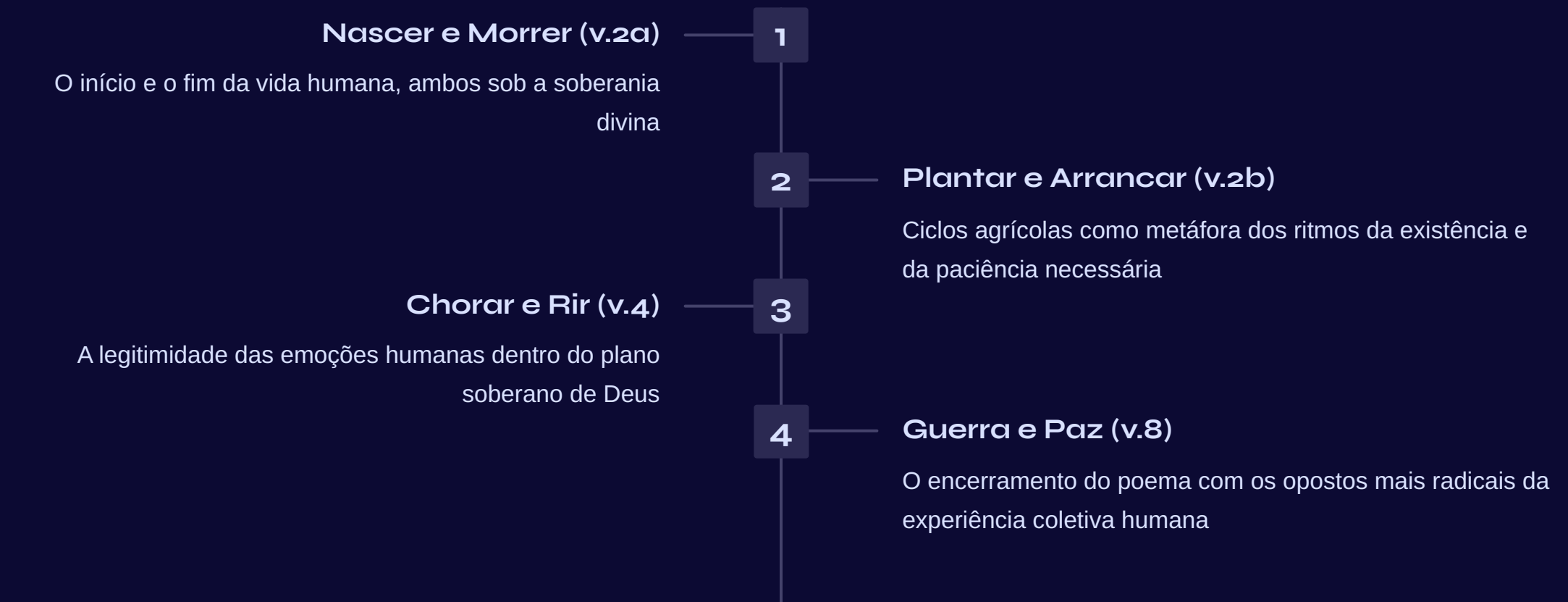


A solução não é o abandono do trabalho, mas uma reorientação teológica: o gozo do trabalho como **dom divino**. Ao homem que lhe agrada, Deus dá sabedoria, ciência e prazer (v.26). Assim, o contentamento no trabalho é uma bênção soberana, não uma conquista humana.

Eclesiastes 3:1–8 — Tempo para Tudo

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu." (Ec 3:1)

Este é o poema mais célebre do livro e um dos mais belos de toda a literatura sapiencial hebraica. Estruturado em 14 pares de opostos, o poema cobre toda a amplitude da experiência humana — nascimento e morte, guerra e paz, choro e riso, amor e ódio — afirmando que cada momento tem seu tempo designado por Deus.



Eclesiastes 3:9-15 —

A Eternidade no Coração Humano

Um dos versículos mais teologicamente ricos do livro: *"Também pôs o mundo [a eternidade] no coração deles, sem que o homem possa descobrir as obras que Deus fez"* (v.11). O ser humano carrega dentro de si um anseio pelo eterno que nenhuma realidade temporal pode satisfazer plenamente.

Esta é a chave interpretativa de toda a insatisfação descrita anteriormente. A inquietação humana não é patológica — é ontológica. Fomos criados para o eterno, mas vivemos no temporal.

O Dom do Contentamento

Diante desta tensão irresolúvel, o Pregador não prega o desespero, mas o contentamento ativo: **comer, beber e desfrutar do bem de todo o seu trabalho** (v.13) é um dom de Deus.

A justiça divina também é afirmada: *"Deus buscará o que já passou"* (v.15b). A soberania divina sobre o tempo garante que nada escapa ao seu controle ou julgamento.

📖 O contentamento cristão nasce da confiança na soberania de Deus sobre o tempo e a história.

Eclesiastes 3:16–22 — A Injustiça e o Mistério da Vida e da Morte

O Pregador volta seu olhar para os tribunais da terra e observa algo perturbador: *"No lugar do juízo havia impiedade; e no lugar da justiça havia iniquidade"* (v.16). Esta observação não é uma negação da justiça divina, mas um reconhecimento da corrupção das instituições humanas.

O Tribunal Corrompido (v.16)

A injustiça nos lugares criados para preservar a justiça — um paradoxo doloroso da sociedade humana que ressoa em qualquer época histórica

O Julgamento de Deus (v.17)

A resposta teológica: *"Deus julgará o justo e o ímpio"*. O julgamento divino é o único fundamento sólido de esperança diante da injustiça terrena

O Destino Comum (v.19–20)

Homens e animais têm o mesmo fim — o pó. Esta reflexão não nega a imortalidade, mas questiona qualquer superioridade humana baseada em realizações terrenas

Eclesiastes 4:1-16 — A Solidão, a Opressão e a Força da Comunidade



O Lamento diante da Opressão

O capítulo 4 abre com uma das passagens mais empáticas do Pregador: diante das lágrimas dos oprimidos — sem consolador — ele chega a declarar que "os mortos que já morreram são mais afortunados do que os vivos" (v.2). Esta não é uma apologia ao suicídio, mas uma expressão retórica de desespero profético diante da injustiça social.

A Vantagem da Companhia

Em contraste com a opressão solitária, o Pregador celebra a solidariedade: "*Melhor é serem dois do que um*" (v.9). A companhia traz recompensa no trabalho, ajuda na queda, calor no frio e resistência ao inimigo.

| "*O cordão de três dobras não se rompe tão depressa.*" (Ec 4:12)

Eclesiastes 5:1-7 — Reverência a Deus e Cuidado com as Promessas

Após as meditações sobre injustiça e trabalho, o Pregador volta-se para a esfera do culto e da relação direta com Deus. Esta perícope é uma das mais práticas e pastoralmente ricas do livro, abordando a postura correta diante do Criador.

1 Guarda o Teu Pé (v.1)

Ao entrar na casa de Deus, o adorador deve estar preparado para ouvir, não apenas para falar. A escuta atenta ao Senhor supera os sacrifícios oferecidos irreflexivamente pelos insensatos.

2 Não Te Precipites com a Boca (v.2-3)

As palavras diante de Deus devem ser poucas e ponderadas. *"Deus está no céu e tu na terra"* — esta distinção radical entre o Criador e a criatura deve gerar humildade e sobriedade na comunicação com o Sagrado.

3 Paga o que Prometeste (v.4-5)

As promessas feitas a Deus têm caráter sagrado e vinculante. O Pregador adverte que é melhor não prometer do que prometer e não cumprir — uma ética de integridade que atravessa toda a Escritura.

Eclesiastes 5:8–20 — A Injustiça Social e a Satisfação no Trabalho

A Burocracia da Opressão (v.8–9)

O Pregador observa com olhar sociológico a estrutura da corrupção: há uma hierarquia de vigilantes que se vigiam mutuamente, e o sistema inteiro oprime os mais vulneráveis. Esta análise estrutural da injustiça é surpreendentemente moderna em sua perspicácia.

A Insaciabilidade da Riqueza (v.10–12)

Uma das observações mais precisas sobre a psicologia do dinheiro: *"quem ama o dinheiro nunca se farta de dinheiro"* (v.10). A riqueza não traz satisfação — apenas aumenta o apetite e multiplica os que a consomem.

- ❏ O contraste entre o sono tranquilo do trabalhador e a insônia do rico (v.12) é uma das ironias mais belas do livro.

O Dom do Contentamento (v.18–20)

A conclusão da perícopes é luminosa: desfrutar do trabalho e da vida com quem se ama, reconhecendo tudo como dádiva de Deus, é a verdadeira felicidade humana.

O contentamento — ligado à simplicidade, à gratidão e à consciência da graça divina — é a resposta bíblica ao ciclo interminável da ambição insatisfeita. **Deus mantém o coração do homem ocupado com alegria** (v.20), protegendo-o da amarga ruminação sobre a vaidade.

Eclesiastes 6:1-12 — Reflexões sobre a Fortuna e a Insatisfação Humana

O capítulo 6 apresenta um dos cenários mais perturbadores do livro: o homem que possui tudo — riqueza, bens, honra — mas a quem Deus não dá o poder de desfrutar. Tudo vai para um estranho. Esta situação é descrita como "**mal grave**" (v.2), revelando que a posse sem o gozo é pior do que a pobreza com contentamento.

A Riqueza sem Prazer (v.1-6)

Mesmo que um homem vivesse mil anos duas vezes, sem desfrutar do bem, sua vida é equiparada à de um natimorto — sem memória, sem sentido

O Desejo Insaciável (v.7-9)

"Todo o trabalho do homem é para a sua boca, e contudo o apetite nunca se farta."
A alma humana é um abismo que nenhuma riqueza terrena pode preencher

Os Limites do Homem (v.10-12)

O homem não pode contender com quem é mais forte que ele. Ninguém sabe o que é bom para ele debaixo do sol — apenas Deus conhece o plano completo

Análise Exegética: Linguagem e Estilo em Eclesiastes

O Hebraico *Hevel* e sua Carga Semântica

O vocábulo *hevel* (הֶבֶל) é o fio condutor lexical de todo o livro. Sua polissemia — sopro, vapor, ilusão, efemeridade — permite ao Pregador construir uma crítica multidimensional da existência humana autossuficiente. Não é uma palavra de desespero absoluto, mas de realismo teológico.

Estrutura Poética e Paralelismos

Eclesiastes utiliza amplamente o paralelismo hebraico — sinonímico, antitético e sintético — típico da poesia sapiencial. O poema de Ec 3:1–8 é o exemplo mais elaborado, com sua estrutura binária perfeita de 28 momentos (7×4), evocando completude e ordem cósmica.

O Tom Cético e Realista do Pregador

Eclesiastes é o livro bíblico que mais se aproxima de uma **fenomenologia da experiência humana**. O Pregador não parte de dogmas para a vida, mas da vida para Deus. Seu ceticismo não é ateuista — é o ceticismo de quem observa honestamente a realidade e recusa respostas fáceis.

Leitmotiv Central

"Vaidade de vaidades" —
repetido como refrão
estruturante ao longo de todo
o livro

Expressão Geográfica

"Debaixo do sol" — delimita o
horizonte da investigação
empírica do Pregador

Fórmula Conclusiva

"Come, bebe e sê feliz" — convite ao contentamento presente
como resposta prática à vaidade

Contexto Teológico e Aplicações Práticas

Eclesiastes ocupa um lugar único no cânon bíblico: é o livro que testa os limites da razão humana sem a revelação divina. Seu método é empírico; sua conclusão é teológica. Este percurso torna-o extraordinariamente relevante para a contemporaneidade, marcada pela busca de sentido em um mundo secularizado.



O Temor do Senhor como Âncora

O livro aponta reiteradamente para o temor de Deus não como superstição, mas como a postura correta da criatura diante do Criador — a base de toda sabedoria genuína



Relevância para a Vida Moderna

A cultura do consumo, a busca por prazer e o culto ao sucesso são formas contemporâneas das mesmas vaidades que Salomão investigou e denunciou há três milênios



A Esperança Cristã

O Novo Testamento oferece a resposta definitiva às perguntas de Eclesiastes: Cristo ressuscitado supera o horizonte do "debaixo do sol" e inaugura a vida eterna

Reflexão Final: Além da Vaidade

O amanhecer é a metáfora mais eloquente da mensagem de Eclesiastes em sua dimensão esperançosa. Após a escuridão da investigação — as vaidades expostas, as ilusões desfeitas, as injustiças lamentadas — surge uma luz que não é produto do esforço humano, mas dádiva graciosa do Criador.

“

"A luz é agradável, e bom é aos olhos ver o sol." (Eclesiastes 11:7)

”

“

"Antes que se escureça o sol... lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade." (Eclesiastes 12:1)

”

Conclusão:

A Síntese do Livro

Após percorrer os capítulos 1 a 6 versículo a versículo, emerge com clareza a tese central de Eclesiastes: toda busca humana empreendida sem o fundamento divino resulta em vaidade — não porque a vida não tenha valor, mas porque foi criada para um propósito que transcende o puramente terreno.

O Pregador não é um pessimista, mas um cirurgião da alma que remove as ilusões para preparar o coração para a única realidade que permanece: **o relacionamento com Deus**. A futilidade das buscas humanas isoladas é a sombra que revela o contorno da luz divina.

O Convite Final

Eclesiastes não termina no desespero — termina no chamado. O leitor é convidado a abandonar as vaidades investigadas e abraçar a sabedoria que começa com o temor do Senhor.

Esta transformação pessoal — de buscador insatisfeito a filho contentado — é o objetivo pastoral do livro. A meditação nas Escrituras é o caminho mais seguro para esta reorientação existencial profunda.



Reconhecer
vaidade



Buscar o
Eterno



Viver com
temor

Assinatura e Versículo Inspirador

"Teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque isso é o dever de todo homem."

Eclesiastes 12:13 (KJA)

Autor do Comentário

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

Área de Estudo

Exegese Bíblica do Antigo Testamento —
Literatura Sapiencial e Teologia Bíblica

Texto Base

King James Atualizada (KJA) —
Eclesiastes capítulos 1 ao 6, análise
versículo a versículo

Este comentário foi elaborado com fins acadêmicos e devocionais, para edificação do Corpo de Cristo e aprofundamento no estudo das Sagradas Escrituras. Que o Senhor ilumine a cada leitor na busca da verdadeira sabedoria.